

## A FILOSOFIA E O PENSAMENTO DÉBIL

Marcos Roberto Huk<sup>1</sup>

**Resumo:** Vattimo mostra que a Filosofia, enquanto instrumento que pode descrever o ser a partir de um contexto, supera sua condição metafísica; ela se apresenta como pós-metafísica, a partir do niilismo consumado (não há um fundamento para o ser). Vattimo, baseando-se em Nietzsche e Heidegger, diz ser possível dissolver a história, convidando-nos a voltar às “origens” (não no sentido de recuperar uma genealogia pura), para então, a partir de daí, iniciar uma “pós-história” – possibilidade de experiência da filosofia como atitude de solidariedade, caridade e debilidade.

**Palavras chaves:** Vattimo. Debilidade do ser. Niilismo. Solidariedade. Filosofia hoje.

**Resumé:** Vattimo montre que la Philosophie, en tant qu’instrument qui peut décrire l’être partant d’un contexte, dépasse sa condition métaphysique; elle se présente comme pos-métaphysique à partir du nihilisme consumé (il n’y a pas de fondement pour l’être). Vattimo, s’appuyant sur Nietzsche et Heidegger, affirme qu’il est possible de dissoudre l’histoire, nous invitant à faire retour a les “origines” (non dans le sens de récupérer une généalogie pure), pour alours, partant de ce point, commencer une “pos-histoire” – possibilité d’une expérience philosophique en tant qu’attitude de solidarité, charité et débilité.

**Mots-clé:** Vattimo, Débilité de l’être. Nichilisme. Solidarité. Philosophie actuelle.

## O PENSAMENTO DÉBIL

---

<sup>1</sup> Marcos R. Huk participa do programa de mestrado da PUC-PR, faz sua dissertação sobre Wittgenstein; [hukmr@hotmail.com](mailto:hukmr@hotmail.com)

Gianni VATTIMO, um dos expoentes da “fraqueza do ser” (MOURA, 1990: 392), é filósofo italiano, leciona em Turim e dirige a “Revista de Estética” (Rivista di Estetica). Sua interpretação de Heidegger e de Nietzsche ganha espaço na “comunidade” filosófica internacional que se ocupa com a questão da “pós-modernidade”. Suas obras: **“O fim da modernidade”** e **“Il pensiero debole”** (coletâneas); **“Mas allá del sujeto: Nietzsche, Heidegger y la hermenêutica”** e **“Las aventuras de la diferencia, pensar despues de Nietzsche e Heidegger.”**

Vattimo, para dar “status” filosófico ao “pensamento fraco” (HABERMAS, 2004: 53), faz uma leitura, de modo “particular”, tanto de Nietzsche como de Heidegger; em outras palavras, Vattimo realiza, segundo Gaspare Moura (cf. MOURA, 1990: 392 – 401), segundo Moura (1990: 392 – 401) uma leitura nietzscheana de Heidegger e, dessa forma, acaba transformando a noção de verdade heideggeriana, porque abandona intencionalmente toda referência ao “fundamento” encontrado no pensamento de Heidegger. Poderíamos dizer que Vattimo traz de Heidegger somente o caráter do “desfundamento” para sua ontologia hermenêutica da fragilidade do ser. O próprio Vattimo, no seu livro “Mas allá del sujeto”, afirma não crer que os intérpretes e/ou seguidores de Heidegger tenham desenvolvido até hoje tal linha hermenêutica; ainda, diz ele que esses nem sequer intuíram os primeiros elementos para uma ontologia do declinar; salvo certos aspectos da hermenêutica gadameriana (VATTIMO, 1989: 49) - em outras palavras, Gadamer, segundo Vattimo, é o único filósofo que abre espaço para pensar uma fragilidade do ser em Heidegger. Pensa-se também que Vattimo faça uma leitura particularizada de Nietzsche (TEIXEIRA, 2005: 65 – 69), pois, nessa mesma obra acima citada, ele diz que ao início de seu trabalho filosófico tinha uma visão demasiadamente fascinada pela dialética e, sendo assim, caracterizava o “super-homem” nietzscheano em uma espécie de “espírito absoluto” hegeliano ou no homem “desalienado” marxista (TEIXEIRA, 2005: 19). Somente mais tarde, ao conhecer Heidegger (principalmente o segundo Heidegger), ele volta a re-interpretar Nietzsche e, a partir de então, começa a postular um niilismo consumado como sendo a “nossa única chance de liberdade”, ou seja, a partir da leitura nietzscheana de Heidegger (TEIXEIRA, 2005: 20), Vattimo diz que a modernidade só poderá ser ultrapassada pela superação: Nietzsche fala de uma filosofia do amanhã (sem um *grund*) e Heidegger fala no aniquilamento do ser, na medida em que se torna valor – o niilismo para Vattimo é o nosso destino. E, assim, cremos que Vattimo tenha buscado tanto em Nietzsche como em Heidegger “fundamentos” reflexivos para oferecer um status filosófico a sua nova hermenêutica do “desfundamento” do ser; pois, nestes dois filósofos, ele encontrou a possibilidade da reflexão do “pós” – assim, nos tempos de

superação da modernidade, ele convida a comunidade dos filósofos a escutarem, sem preconceitos, a crítica que é oferecida pela arte, literatura e antropologia cultural.

Vattimo, baseando-se em Nietzsche e Heidegger, diz ser possível dissolver a história, pois esta, na sua fortaleza metafísica, mostra-se como lenda, ou seja, a história enquanto forte (caráter metafísico) não passa de apenas uma das diversas maneiras de se ver a realidade (“verdade” é apenas um conjunto de metáforas). Percebe-se também que a razão moderna, na sua percepção ingênua, sempre acaba levando a humanidade para um “destino” catastrófico (duas grandes guerras, bomba atômica, doenças incuráveis, etc.). Vattimo vê que os filósofos Nietzsche e Heidegger, nessas situações, convidam-nos a voltar às “origens” (não no sentido de se recuperar uma genealogia pura – sem erros) para, então, a partir de lá, iniciar uma “pós-história” – possibilidade de experiência pós-metafísica. A história para os metafísicos é entendida de modo fixo, enquanto que para os da “pós-modernidade” ela é dissolvida nas multiplicidades históricas. Vattimo cita W. Benjamin, para falar das diferenças históricas quando contadas pelos vencedores e pelos vencidos (duas maneiras diferentes de se ver a mesma realidade), e menciona também Bloch, este por sua vez, para Vattimo, mostra que o “tempo” unitário e forte é pura ilusão metafísica. Então, para o “pós”, a história só é possível por meio da hermenêutica – a história é retórica.

Para Vattimo, “historicamente”, estamos em tempos de pós-história; este momento é mostrado pela maneira como a razão vem se comportando diante do “sujeito” – ela sempre aponta para a sua superação. Temos ainda, na alegoria do lampejar, Nietzsche e Heidegger, que abriram caminho para se pensar a debilidade do “ser” – possibilidade de uma experiência da verdade não metafísica, expressa principalmente na “arte” e na “retórica”.

A pós-modernidade, em Vattimo, mesmo que de maneira fraca, quer ser um modo de reivindicar a verdade, impondo-se com as seguintes características: quer ser um pensamento de “fruição”, de “contaminação” e de “superficialidade”.

## **1- HERMENÊUTICA DA “FRAQUEZA” DO SER**

Para termos uma idéia da “fraqueza do ser”, faz-se necessário, neste trabalho, procurarmos ver a superação da dialética pelo pensar a diferença. E, por consequência, devemos ver também a superação da diferença pelo pensamento débil: esse é o intuito de Vattimo no livro “Il pensiero debole” (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 12) – trabalho organizado por ele. Em meio a tanta “superação”, pois este é o objetivo principal do livro, esperamos que este termo fosse entendido no sentido de “ampliação” (alargamento provocado

pela ruptura desde dentro), isto é, quando falamos que o pensar a diferença é a superação da dialética, não estamos dizendo que uma suplantou a outra, mas queremos dizer que uma ultrapassou (englobou) a outra. E se o pensamento débil superou a diferença, é porque este consumou em si o pensar a diferença e a dialética. Para Vattimo, é claro que a superação da modernidade não se dará por implantação de uma nova maneira de pensar em depreciação da atual forma de se interpretar as coisas.

Veremos, agora, passo por passo: primeiro, a superação da dialética, depois, a superação da diferença, e, por fim, a instalação do pensamento débil. Ainda, antes de concluir este capítulo, gostaríamos de mostrar uma das possíveis perspectivas abertas pela pós-modernidade - interdisciplinaridade.

### **1.1- SUPERAÇÃO DA DIALÉTICA**

A dialética, no século XX, encontrou-se diante de um grande problema, isto é, ela deparou-se com a fragilidade de seu produto, que é, a totalidade. Quando a metafísica perde a sua hegemonia, todos os seus enunciados são enfraquecidos.

A totalidade até então não era tida como problema, porque Hegel e Marx, seus grandes expoentes, dentro da linha do historicismo, com esta metodologia, procuravam realmente atingir a totalidade dos fatos – sempre dentro da ótica: tese, antítese e síntese.

Entretanto, depois da crise da “razão” moderna, com os acontecimentos da primeira guerra mundial, Sartre, com a sua teoria do “ser-em-si” e do “ser-para-si” (DELFGAAVW, 1960: 99 – 101), revelou o problema da totalidade ao mostrar o caráter mitológico da dialética hegeliana assumida também pelos marxistas. Esse caráter mitológico se concentra na capacidade que a dialética requer como visão totalizante do sentido da história (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 14). Se agirmos assim, segundo Sartre, cairemos na busca do “espírito absoluto” hegeliano e, uma vez dentro deste, sobraria somente espaço para o “ser-em-si” (sujeito acabado), anulando totalmente a possibilidade do “ser-para-si” (sujeito cheio de potencialidade).

Outro pensador que também procura mostrar a fragilidade da dialética é Walter Benjamim. Diz ele que a idéia de um curso progressivo do tempo como “a história” é uma expressão da cultura dominante, isto é, da cultura dos vencedores. Por ser dos vencedores, esta cultura se constrói ao preço da exclusão, que ocorre primeiro na prática, nos fatos reais, depois na memória, ou seja, no sentido de como ela nos é relatada e passada de geração em geração (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 15).

Com Sartre e Benjamim, pode-se constatar que a dialética, princípio teórico usado para demonstrar as ideologias “alienantes” (dominantes), torna-se, também, produto ideológico, que acaba por dominar a realidade; a única coisa que acontece, segundo Vattimo, é uma (a) tomada de um niilismo reativo, ou seja, há uma mudança na qual aquilo que estava na periferia vai para o centro, porém, nesse movimento, há apenas a troca de lugares, enquanto a estrutura metafísica continua tal e qual. Vattimo diz que o pensamento do ser fraco precisa fazer com que o “homem” do centro deve rolar para “x” (rolar do centro para uma incógnita qualquer - indeterminável).

Com essa perspectiva de superação da dialética pela busca da diferença, acima delineada, veremos que, no processo histórico, a síntese, produto do processo dialético, sempre será ditada pela cultura dominante, assim, única coisa que teremos através dela será o início de uma nova ideologia dominadora. Pensar a “diferença” mostra a fragilidade da “dialética”. Benjamim coloca uma preocupação construtiva: nem todo passado deve ser resgatado, mas somente aquele que venha a ser uma construção alternativa àquela do historicismo burguês (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 16).

Sabemos que estes dois autores, Sartre e Benjamim, não respondem toda a realidade, mas o suficiente para podermos dizer que os “problemas” no pensamento dialético exigiram uma tomada de posição em relação a ela. Surge, então, nesta época, o “pathos micrológico” (VATTIMO e ROVATTI, 1997:16); este consiste numa atitude de procurar, dentro do problema, analisar todos os fatos que nele influenciaram para descobrir o que houve que não permitiu alguma coisa ser contada na análise da realidade, seja ela dos vencedores, seja dos vencidos – busca ver aquilo que ficou escondido durante a análise feita. Esse pathos micrológico leva o pensamento moderno à sua consumação, pois é o “raio x” da crise da dialética e da unidade do pensamento que, até então, não eram levadas em consideração – eram protegidas por uma “couraça” metafísica.

Para Vattimo, Sartre e Benjamim não são pensadores da fragilidade do ser, mas são indicadores da crise da dialética, ou seja, eles são os que a levam para a sua dissolução (VATTIMO e ROVATTI, 1997, 16). Essa atitude abre espaço para a ontologia fraca, porque possibilita a hermenêutica da fragilidade do ser, uma vez que não se busca destruir algo para substituir por outro sistema qualquer, pelo contrário, a hermenêutica do pensamento débil procura ver os problemas e “re-interpretá-los” a partir da retórica e da arte, assim, crê-se que se reivindicam aspectos que a cultura dos dominadores excluiu.

Alguém poderia questionar: mas só isso? E indicar que a dialética, em si, daria conta desta problemática e, por essa razão, não haveria nenhuma superação como quer indicar a

hermenêutica do pensamento débil com o pensar a “diferença”, a não ser a escolha de métodos diferentes, ou seja, não haveria superação, mas apenas troca de métodos. Se pensarmos assim, estaremos nos iludindo com as aparências. A novidade que o “pensar a diferença” trouxe, e é o que podemos entender por “dissolução”, é que aquilo que foi excluído pela cultura dos dominadores não se deixa facilmente apreender na totalização metafísica como requer a dialética – a síntese sempre será exclusiva. Para responder esta problemática, o “pós” não quer mais exclusões nem inclusões, mas quer deixar que o ser seja (aconteça): é necessário, então, uma dissolução da totalização, buscando no seu interior re-interpretar as diferenças que separam dominadores e dominados.

Com a dissolução do pensamento metafísico, supera-se a dialética e começa-se a pensar a diferença dos fatos da história não mais totalizada em si.

## **1.2 - SUPERAÇÃO DA DIFERENÇA**

O pensar a diferença é uma tentativa de ultrapassar a metafísica que se faz presente no pensamento dialético. Quase que poderíamos dizer: toda ideologia é fruto da influência metafísica, porque ela em si trabalha com a totalidade das coisas. Então, sempre que a dialética se preocupa com a totalidade, ela está sendo metafísica. E o metafísico, para os pensadores pós-modernos, é sempre ideológico (metafórico).

Um dos pensadores contemporâneos, segundo Vattimo, que mais reflete o pensar a diferença e que a levou até a sua superação, foi Heidegger. Ele, com a noção do “ser-aí”, mostra que o “ser” não “é”, como era definido pela metafísica, mas “acontece” no jogo entre fundamento (exposição do mundo) e desfundamento (produção da terra). Heidegger, ao pensar o ser pós-metafísico, quis livrá-lo das formas arcaicas que lhe estavam presas como enfeites e que lhe tiravam todo o seu aspecto “original”; quis isentá-lo da necessidade de sempre estar pré-ocupado com a estabilidade, a clareza e a unidade exigidas pela metafísica.

Observemos que, ao pensarmos o ser na sua diferença, como nos indica Heidegger, estamos pensando o enfraquecimento do ser. Não temos mais uma regra forte que venha, a partir de fora, exigir a totalidade conceitual forte do ser. Vattimo vê consumada, em Heidegger, a possibilidade do niilismo, porque este mostra que o ser atinge a sua totalidade enquanto é para a morte – o niilismo, quando consumado, nos leva para a debilidade do ser, a partir do que é possível uma hermenêutica que se ocupe da reinterpretação das errâncias metafísicas. A “diferença” dissolve o ser absoluto e procura trazer à tona tudo aquilo que lhe foi negado pelo processo histórico. Segundo Heidegger, devemos, então, pensar o ser através

de sua efemeridade, ou seja, segundo Vattimo, este deve ser pensado a partir do seu desfundamento.

Dissemos acima que, ao pensarmos a diferença, já estamos pensando o enfraquecimento do ser. É importante esclarecer aqui a distinção entre ambas as coisas: quando usamos a diferença no pensar, estamos procurando destruir uma visão colocada pela totalidade metafísica, ditada pelos dominadores, e quando procuramos o enfraquecimento do ser no pensar, estamos-lhe dando “liberdade” para que ele seja aquilo que bem entender (não existe pré-determinações). Porém, para Vattimo, a diferença deve ser superada, porque ela tem em si linhas que moldam o desenrolar do pensamento (por exemplo: Heidegger pensa o ser pós-metafísico dentro do jogo fundamento e desfundamento; Vattimo entende que aquilo que interessa é somente o desfundamento), enquanto que o enfraquecimento não tem nada de pressuposto (superação do transcendentalismo) nem procura ter moldes de pensamento.

Poderíamos dizer, em poucas palavras, que o que foi visto acima consiste na tentativa de Vattimo superar a hermenêutica de Heidegger: para ele simplesmente pensar a diferença não possibilita uma consumação plena do niilismo, pois o jogo paradoxal não permite saída para algo “concreto”, visto que a única coisa que o permite são as múltiplas interpretações. Vattimo, a partir do paradoxo nietzscheano e heideggeriano, quer mostrar que, em se partindo de uma ontologia fraca, é possível uma hermenêutica débil, ou seja, ele quer mostrar que, depois da dissolução da metafísica, para evitar uma reapropriação, há a possibilidade de pensar a fraqueza do ser. A diferença precisa ser superada. Para Vattimo, se encontra encontram-se, tanto em Nietzsche como em Heidegger, neste último de modo especial, lampejos para a possibilidade de uma ontologia fraca – sinais para a superação da modernidade.

Segundo Vattimo, em Heidegger, encontramos três termos que nos ajudam a entender esta superação (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 22) – ele afirma que em Nietzsche se encontra a possibilidade do niilismo reativo, enquanto que em Heidegger está o niilismo consumado. Esta “consumação” para Vattimo se dá através destes termos subscritos:

1º VERWINDUNG: (esses: vão depois) (superação-distorção): é um termo que procura superar a dialética sem sair dela, seria, por exemplo, pensar o ser como algo que acontece na sua historicidade/corporeidade, deixando de lado tudo aquilo que a metafísica já disse sobre o ser. O exemplo mais prático é o de Nietzsche, ao anunciar a morte de Deus. Sabemos que em nenhum momento ele está querendo fundar uma metafísica que trabalhe a morte de Deus; o que ele quer dizer com este enunciado é que a estrutura estável do ser acabou, não existe mais nada que o aprisione dentro de moldes específicos. Daqui para frente ele vai ter que pensar-se

sozinho (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 21) - o ser é responsável por si mesmo. Heidegger, ao pensar o ser através da *Verwindung*, coloca-se numa linha mais radical que a *nietzscheana*. 2º ANDEKEN: (memória): para Heidegger, é possível pensar o ser enquanto tomar consciência é possível, porém somente no passado (reinterpretação), porque o ser como presença (presente) jamais se deixará agarrar nas redes da razão (ele acontece, isto é, o ser não pode ser pensado como presença, somente como eventualidade). Deixar-se-á preso pela malhas da razão, sim; porém, somente enquanto lembrança, pois ele se dá somente na memória. Por isso, para Heidegger, pensar o ser será sempre um ato memorativo (VATTIMO 1990: 117 – 130) – interpretação da história. O ser, segundo ele, é sempre um envio-transmissão (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 22); para Vattimo, aqui está o perigo, ou seja, caso não se pense pela debilidade do ser, é possível cair na reapropriação da totalidade da metafísica ou da dialética. A memorização exige a mortalidade: de acordo com Heidegger, o ser, ao se jogar na interpretação da história, decide pela sua mortalidade.

3º PIETAS: (morte): Heidegger, definindo o ser como envio/transmissão, demonstra, também, que este envio está direcionado para a sua mortalidade, para o seu fim ou para a sua caducidade (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 23). Dessa forma, obtém uma superação total e definitiva da metafísica, porque a *Pietas* instala um “desfundamento” do ser, e não um “fundamento”, como requer o pensamento metafísico.

Para concluir, vemos que Heidegger, enquanto expoente máximo do pensamento da diferença, o leva ao seu extremo (*Verwindung*, *Andeken* e *Pietas*) e, assim, possibilita a superação do pensamento da diferença, dando espaço ao pensamento débil – por este meio, Vattimo vê a possibilidade da hermenêutica da fragilidade do ser.

### **1.3 - A HERMENÊUTICA DO “PÓS”**

Pensar o ser através da *verwindung*, a partir da *andeken* e da *pietas*, significa não ter nenhuma referência a uma estrutura qualquer de pensamento e, nem mesmo, apelar para uma lei lógica da história que justifique tal pensamento. Pensar o ser, então, dentro da debilidade do pensamento significa pensá-lo como acontecimento na história e nada mais. Agora, entendemos quando se diz: o ser não é, ele acontece.

O acontecimento do ser revela a fraqueza do pensamento em si, o qual não tem, então, estruturas nem lógica. O pensamento, assim, é herança da dialética conjugada com a diferença, que instaura o nascimento da nova hermenêutica do pensamento débil.

O pensamento fraco ou débil não quer chegar à fraqueza do pensamento, dado que o seu objetivo é mostrar a fraqueza do pensamento metafísico para abrir espaço às demais formas de pensamentos não metafísicos (VATTIMO, 1987: 13).

Para Vattimo, o acontecimento do ser na história como superação e debilidade é o sinal mais claro de pensamento pós-moderno, porque, como já vimos, este novo tempo – pós-história – busca um avanço na própria história, até então dita pela metafísica, e, para escapar dos seus laços, este novo modo de pensar trabalha sem projetos (metafísicos) e sem fundamentos (VATTIMO, 1987: 23). A hermenêutica da fragilidade do ser quer reapresentar o “projeto”. Este, enquanto fruto de um... uma vez sendo fruto de um pensamento forte, totalizante e, por isso, metafísico, agora, em Heidegger, mostra-se como tendência para a morte, ou seja, abre-se para a contextualização. O projeto não é mais construído por uma transcendência, mas é mostrado pela oratória poética, a partir de uma contextualização – lá onde existe a quebra da palavra, a eventualidade do ser contextualizado possibilita o acontecimento do mesmo (o niilismo em Heidegger é o aniquilamento do ser – a nomeação é a destruição do ser enquanto possibilidade).

Pelo fato de o pensamento débil querer ser ultrametafísico, ou seja, viver na consumação do niilismo, porque é resultado do esforço da pós-modernidade, ele se mostra sem força, unidade e predeterminações; estas são algumas de suas características mais marcantes.

Outra particularidade desta nova hermenêutica é que ela parece assumir uma atitude parasitária, pois não quer trazer pensamentos novos – isto é ilusão: a verdade não passa de um apanhado de metáforas que mudam de acordo com o passar do tempo. Para Vattimo, o pensamento débil, através da dialética e da diferença, como pensamento ultrametafísico, quer ser um re-pensamento (VATTIMO e ROVATTI, 1997: 42) daquilo que já foi pensado, sem, é claro, perder a sua autenticidade, porque tudo isso para ele não significa repetir, mas repensar a “verdade”. Como já foi indicado, o objeto de trabalho da hermenêutica débil são as errâncias da metafísica.

Como “método” hermenêutico, este pensamento tem por núcleo e instrumento a “intuição”. A intuição, re-possibilitada pelo pensamento débil (VATTIMO e ROVATTI, 1997, 24), é a superação da herança metafísica. Com esta atitude, vai-se além da dedução ou da indução lógica, sempre indicadas pela história como únicos caminhos que conduzem à verdade. Devemos lembrar que o pensamento débil é fruto da superação da dialética e da diferença. Superar não quer dizer deixar de lado, mas avançar. Nesse investimento a

possibilidade lógica que resta para mostrar a debilidade do ser é a intuição – não só pode mostrar como possibilita à hermenêutica trabalhar.

Observemos que até o próprio método adotado por esta hermenêutica é sem estratégia dedutiva ou indutiva. A intuição acontece (*verwindung*), ela não pode ser projetada e estruturada, a não ser na sua memória (*andeken*), mas, quando feita esta memória, é realizada em vista de sua finitude (*pietas*).

Com este procedimento, a nova hermenêutica quer dar espaço aos saberes que, ao longo da história metafísica, foram desvalorizados em nome de um acesso mais “original” e “racional” da pureza do ser. Como exemplo, podemos citar, hoje, na nossa pós-modernidade, o esforço da filosofia em refletir o ser na superação da concepção do sujeito – temos percepção dele a partir de uma intersubjetividade; isso se faz possível somente a partir de um eclipsar da razão dita na sua estrutura metafísica. Agora, na pós-modernidade, pensar o ser na sua fragilidade é possível, desde que não se queira fazer uma leitura fundamentalista com o objetivo de mostrar os pontos fortes de uma metáfora que pretenda suplantiar as demais possibilidades de expressão e de manifestação livre da retórica.

A partir da ótica da nova hermenêutica proposta pelo pós-modernismo, ainda que fraca, porque não nos aprofundamos, por não existir fundamentos últimos, pode-se falar a respeito da “verdade” – já foi aludido acima: o pensamento débil não quer mostrar um pensamento fraco, mas a fragilidade do ser; uma vez que, percebendo-se que este é “tênuê”, a sua interpretação, por consequência, também o será. Então, na pós-modernidade, ainda que de maneira fraca, é possível falar da “verdade”, seguindo as seguintes orientações:

A – Ela não tem uma natureza lógica ou metafísica, mas retórica – *verwindung* – (MURA, 1990: 395);

B – Verificações e estipulações acontecem num espaço de liberdade de relações interpessoais, de relações entre culturas e gerações, onde ninguém parte em busca de uma pureza – ou de uma origem imaculada (*andeken*);

C – Fala-se de uma verdade através da interpretação, não porque esta nos leva a uma verdade (unitária, pura e forte), mas porque é ela quem dará o sentido de “hermenéia” que a “verdade” exige para si;

D – No ?conceber retórico da verdade, o ser se dirige ao extremo de seu aniquilar-se e vive até as últimas consequências da sua fraqueza (*pietas*).

## **2 - A INTERDISCIPLINARIDADE: UMA CONSEQUÊNCIA DO PENSAMENTO DÉBIL?**

Com a nova hermenêutica, vimos que a pós-modernidade não aceita mais a compreensão do sujeito oferecido pela modernidade, pelo contrário, esta concepção é combatida até o fim.

Vimos no pensamento débil, fruto da nova hermenêutica pós-moderna, que o seu objetivo não é acabar com o “pensamento”, mas com qualquer possível pretensão hegemônica do pensamento metafísico histórico constituído pela modernidade.

Finalizando, podemos ver que o pensamento débil requer na sua “essência” fraca, se é que podemos falar assim, uma interdisciplinaridade, visto que com a nova hermenêutica se atinge a desintegração total dos grandes conceitos da modernidade, exigindo uma nivelção entre as mais diversas interpretações do ser – convivência pacífica entre possibilidades de interpretações: niilismo consumado. Tendo isso em conta, os novos conceitos que surgirem após esse trabalho de desintegração ficarão sem direção, ou como se diz: sem eira e nem beira? Claro que não. É importante vermos não só o sentido negativo desta nova hermenêutica, mas em especial o seu lado positivo – esse é o esforço de Vattimo ao mostrar que o pensamento fraco quer caracterizar-se como “fruição” (prazeroso), “contagante” (estético) e de “superficialidade” (fraco, não quer impor-se como o único).

É certo que o pensamento débil possui em si uma hermenêutica de desintegração, mas, se procurarmos ver com responsabilidade a sua intenção – e aqui surge sua parte positiva –, existe, nesse pensamento, a necessidade de um diálogo (próprio, como diz a palavra) entre as ciências, onde uma deve respeitar a outra como tal. Esse pensamento exige, portanto, uma interdisciplinaridade (JANTSCH e BIANCHETTI, 1995: 177 – 193) e esta, por sua vez, requer uma filosofia que esteja para além da filosofia do sujeito e que possa fundamentar tais exigências atuais.

### **3 – A DEBILIDADE DA FILOSOFIA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS**

Desta leitura de Vattimo pode-se concluir que a filosofia para ser filo-sofia, amiga do conhecimento, deve deixar de lado a pretensão de ser uma disciplina científica; pois, para que possa ter uma atitude “amigável” diante das coisas conhecidas, ela deve ser fraca - amiga forte não é amiga, mas ditadora. Segundo a filosofia analítica, desde Wittgenstein, a atividade filosófica não pode apresentar teses, pois, se assim fizer, não poderá discuti-las, porque tudo o que disser carecerá de fundamentos.

Vattimo procura ler a filosofia através da debilidade, enquanto outros procuram vê-la como contextual. Não nos interessa como eles a vêem, pois o importante é saber que a

filosofia é o reflexo de como a sociedade se coloca diante do mundo e, sendo assim, vemos que a maneira de pensar nos dias de hoje passa pela prescrição da solidariedade, da caridade e da debilidade. Portanto, o comportamento filosófico necessariamente terá, em suas atividades, estes panos de fundo: solidariedade, caridade e a debilidade. Vejamos cada um deles. A solidariedade evoca o princípio da compreensão do outro enquanto outro, pois este, ao ser entendido, reclama uma aceitação por parte da sociedade em assumi-lo assim como ele se apresenta. Não há motivos, critérios fundantes, para que alguém queira mudá-lo em seu modo de expor-se, manifestar-se ou propor-se, e se houvesse algum, dever-se-ia perguntar sobre quais princípios este é apresentado. Ser solidário é criar uma dependência recíproca, ou seja, é estabelecer uma determinação de respeito mútuo: eu o respeito e ele me respeita, criando-se assim a intersubjetividade do respeito. A solidariedade não é condicional. Por exemplo, eu o respeito se ele me respeitar, dado que a pessoa deve respeitar o outro porque este é o modo correto de estar no mundo e nada mais. A filosofia enfraquecida pela solidariedade supera a lei de talião.

A caridade, diante do pensamento débil, tem oportunidade de se exteriorizar, porque o “altruísmo” só é possível quando não existem causas resultantes de efeitos egoísticos, disfarçados em pseudodiscursos éticos – por exemplo, uma pessoa, depois de ter recebido certa quantia monetária diante de um processo judicial, costuma dizer: “não quero dinheiro, mas quero justiça”. A filantropia deve constantemente se auto-avaliar para observar se seus princípios continuam debilitados, para que, assim, não sejam objetivados e apresentados como sendo os melhores do mercado e os únicos que apresentam soluções para os problemas do mundo. A filantropia, por exemplo, das ONGS ONGs, em suas disputas na mídia ou em busca de vantagens para si ou para terceiros, não pode se estabelecer de modo autoritário ou dogmático – nessas atitudes não há princípio de caridade ou de debilidade. Um pensamento não deve ser antes de tudo moral, ele tem que ser primeiramente humano, ou seja, o pensamento tem que refletir a condição humana, a qual consiste na fraqueza. Somente diante da debilidade comportamental é que o discurso ético tem sentido. A caridade exige, enquanto princípio ético, respirar ares novos. É na debilidade do pensamento que a caridade admite a criatividade ética diante das contingências humanas.

Por fim, a debilidade do pensamento apresenta-se como atitude filosófica, constituindo o filão deste artigo. Sem a atitude de enfraquecimento das causas, a filosofia está fadada ao fracasso ou à repetição da história, talvez de cara maquilada, mas será sempre a ciência universal que se expressa de modo empírico ou racional e que continua criando ficções reflexivas não condizentes com o modo de ser do ser humano – a filosofia, dessa forma,

continua sendo a ciência que não desperta interesses. Pelo enfraquecimento da razão, todos os matizes racionais podem expressar-se e apresentar seus critérios a partir de seus contextos e, portanto, podem mostrar suas validades circunstanciais. Caso contrário, haverá sempre um modelo racional, único e forte para medir todas as manifestações culturais e biológicas dos grupos sociais – por exemplo, quando se procura analisar as diversas sociedades regionais através do modelo europeu.

Para finalizar, propomos, baseando-nos em Vattimo, que a filosofia se assuma como aquela que deve enfraquecer sua postura diante do mundo racional, para poder ver e permitir que outras racionalidades se apresentem e se mostrem validadas sem serem rotuladas como racionais ou empíricas, como religiosas ou atéias, ou como qualquer outra coisa. Nossa proposta é que a filosofia deve se esforçar para superar o dualismo que está no âmago de sua autocompreensão; ela deve absorver sua base epistemológica de causa e efeito, para adentrar nas causalidades que são resultantes de casualidades e nada mais; ela deve superar seu desejo ontológico em dizer quem é o ser, para poder mostrar as infinitas possibilidades de ser diante da multiplicidade dos contextos. A vida, na sua contingência, não admite cálculos para ser vivida, isso é absurdo. Por fim, a filosofia não somente deve se enfraquecer, mas deve assumir uma tarefa terapêutica de ajudar com que outros pensamentos, chamados científicos e não-científicos, possam enxergar-se sobre uma base fraca. Ou seja, a filosofia, sem mexer nem interferir na originalidade dos pensamentos, deve mostrar que eles não passam de um modo de ver um determinado aspecto do mundo e que, portanto, há outros modos de observar o mesmo aspecto – os modos de ver, uma vez contextualizados, não geram confrontos. A filosofia, enquanto atividade do pensamento fraco pode ajudar para que a multiplicidade de “pensamentos” (os discursos) se compreenda a partir de suas bases contextuais. As atividades científicas e não científicas, uma vez enfraquecidas pela terapia filosófica, devem entender que só poderão se mostrar como válidas desde que apresentem suas razões circunstanciais. Portanto, a filosofia deve ajudar ao pensamento a perceber-se como débil, solidário e altruísta, pois somente desta forma ela lhe estará sendo amiga (filo-sofia).

## **BIBLIOGRAFIA**

VATTIMO, G.; ROVATTI P. A. **Il pensiero debole**. 11 ed. Milano: Feltrinelli, 1997.

DELFGAAVW, B. **Que és el Existencialismo**. Buenos Aires: Ed. Carlos Lohlé, 1960.

TEIXEIRA, Evilázio Borges. **Aventura pós-moderna e sua sombra.** São Paulo: Paulus, 2005.

HABERMAS, J. **A Ética da discussão e a questão da verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JANTSCH, Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídeo. **Interdisciplinaridade, para uma filosofia além do sujeito.** Petrópolis: Edição Vozes 1995.

VATTIMO, G. **Mas alla del sujeto, Nietzsche, Heidegger y la hermeneutica.** Barcelona: Ed. Paidos, 1989.

VATTIMO, Gianni. **Las aventuras de la diferencia. Pensar despues de Nietzsche e Heidegger.** Barcelona: Edición Península, 2ª,